

Artigo

As dificuldades de negociar sentidos em narrativas de sociabilidade familiar de sujeitos LGBTQIA+

The difficulties of negotiate meanings in narratives of family sociability of LGBTQIA+ subjects

Las dificultades de negociar significados en narrativas de sociabilidad familiar de sujetos LGBTQIA+



Alex Barroso Figueiredo

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), Rio de Janeiro, Brasil
abarrosofigueiredo@outlook.com



Liana de Andrade Biar

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), Rio de Janeiro, Brasil
lianabiar@gmail.com

Resumo: Neste artigo, analisaremos o trabalho interacional envolvido na narração das histórias de dois sujeitos sobre suas experiências familiares, discutindo sua emergência em meio a demandas próprias à ordem interacional e à ordem social. Ambas as histórias são dados gerados em situação de entrevista, parte de uma pesquisa de base interpretativa e qualitativa. Esperamos com isso produzir inteligibilidades sobre experiências que escapam à dinâmica pressuposta de normatividades familiares ou de um discurso “canônico” sobre a família e os processos locais envolvidos em sua narração.

Palavras-chave: narrativa; família; sexualidade.

Abstract: In this paper, we will analyze the interactional work involved in the narration of two subjects about their family experiences, discussing how this occurs in demands proper to the interactional order and to

the micro-society. Both stories are data generated from an interview situation, part of an interpretative and qualitative research. By this discussion, we hope to produce intelligibilities about experiences that escape the presupposed dynamics of a family “normativity” or of a “canonical” discourse about the family and the local processes involved in its narration.

Keywords: narrative; family; sexuality.

Resumen: En este artículo, analizaremos el trabajo interaccional implicado en el relato de las historias de dos participantes sobre sus experiencias familiares, discutiendo cómo surgen en medio de las exigencias del orden interaccional y del orden social. Ambas historias son datos generados en una situación de entrevista, parte de una investigación de base interpretativa y cualitativa. Con ello, esperamos producir inteligibilidad sobre experiencias que escapan a la dinámica presupuesta de las normas familiares o a un discurso “canónico” sobre la familia y los procesos locales implicados en su narración.

Palabras clave: narrativa; familia; sexualidad.

Submetido em: 23 de abril de 2024

Aceito em: 17 de setembro de 2024

Publicado em: 13 de dezembro de 2024

1 Introdução

Narrativas estão dentre os elementos mais corriqueiros de nossa fala cotidiana, uma das formas mais básicas de organização da experiência (Bastos, 2005; Biar; Orton; Bastos, 2021). Por meio delas, sequenciamos e produzimos causalidade conjuntamente a nossas(os) interlocutoras(es), resultando disso a construção de um *self* cuja existência se vê atrelada a sistemas de coerência (Linde, 1993) – referenciais culturais e discursivos de que dispomos e dos quais nos valemos na construção de nossas histórias de vida e dos sentidos acerca de quem somos; das nossas relações e do mundo que nos cerca (Bastos, 2005).

Nossas performances narrativas não são produto de experiências individuais. Como uma atividade discursiva e interacional, narrar é um processo intersubjetivo cuja existência está atrelada tanto à situação de comunicação em que emerge – uma negociação entre sujeitos – quanto às configurações macrossociais pelas quais sua significação opera – uma negociação entre sujeito e os discursos. Isso significa que nossas performances estão sujeitas a contingências relativas ao contexto, às relações de poder entre interagentes e às dificuldades de produzir inteligibilidade acerca de experiências cujos sentidos, atrelados à ordem macrossocial, estão em constante disputa. Desse modo, se de fato todas(os) temos uma história para contar, nem sempre estas facilmente encontram vias de realização em nossa fala.

Neste artigo, pretendemos analisar as performances narrativas de duas pessoas LGBTQIA+ sobre suas vivências familiares, a fim de discutir as dificuldades envolvidas nesse processo. Os dados com que trabalhamos foram gerados em uma pesquisa mais ampla na qual analisamos as narrativas sobre a sociabilidade familiar de pessoas LGBTQIA+. Nessa ocasião, foi nosso objetivo investigar como essas experiências eram construídas em meio a um conjunto diverso de práticas de repressão¹. Nesta nova empreitada, analisaremos como o trabalho interacional de narração se dá

¹ Como entendemos, a ideia de repressão não é tomada no sentido de impossibilidade, mas como técnicas de poder verticais que não impedem ou restringem, e sim atuam de forma produtiva (BUTLER, 2016; 2019a).

em meio a demandas locais, próprias à situação social (Goffman, 2002), e demandas macrosociais – os discursos que atravessam e constituem o contexto de interação.

Para isso, organizamos o presente texto da seguinte forma: na próxima seção, analisaremos algumas das formações discursivas sobre a família na modernidade; em seguida, apresentaremos o percurso metodológico, o contexto de pesquisa e seus participantes. Após isso, apresentaremos os principais fundamentos e perspectivas teóricas que ancoram nossa Análise de Narrativa (Labov, 1972; Riessman, 1993; 2008; Linde, 1993; Bamberg; Georgakopoulou, 2008) em interface com os trabalhos de Goffman (1980; 2008; 2013; 2002). Seguiremos, então, para a análise e discussão dos dados, descrevendo como essas performances emergem em meio a um trabalho interacional em relação ao contexto de pesquisa e a discursos dominantes sobre a sociabilidade familiar.

2 Família: um discurso da modernidade

A constituição da sociabilidade familiar moderna ocidental está amparada em dois eixos: de um lado o desenvolvimento do dispositivo da sexualidade (Foucault, 2017); do outro, a formação de um “sentimento de família” (Ariès, 1986). O primeiro refere-se à rede de conexão entre “a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências” (Foucault, 2017, p. 115) e seu encadeamento “segundo algumas grandes estratégias de saber e poder” (Foucault, 2017, p. 115). O segundo é um dos muitos discursos (Foucault, 1986) que constituem a sociabilidade familiar no assentamento de determinados valores, dos quais falaremos adiante.

Para Foucault (2017), longe de se constituir como um lugar de repressão à sexualidade, a família a satura, produzindo múltiplas sexualidades a partir de técnicas de poder entrelaçadas em diversos discursos. Segundo o filósofo, ela seria o “cristal do dispositivo da sexualidade” (Foucault, 2017, p. 121), um dos elementos táticos nas configurações discursivas do poder. A psicologia, a psicanálise,

a psiquiatria, a medicina, a pedagogia, o direito, e, claro, a religião, passam a investir nela, remodelando a arquitetura doméstica e a sociabilidade em torno de dois eixos: pais e filhos(as); marido e mulher. Com isso, emerge um modelo de relações e subjetividades normalizadas – cisgêneras e heterossexuais – e aceitáveis, em oposição às *anormalizadas*. Embora seja um local de saturação sexual, parece haver um reforço da diferenciação nas relações familiares quanto ao binômio hétero/não hétero – cisgênero/transgênero –, tanto que o que hoje entendemos como cis-heteronormatividade parece ser predominante em relação à produção de corpos e identidades generificadas. Nesse sentido, a família atuaria buscando alinhar os sujeitos à coerência daquilo que Butler (2016) chama de matriz de inteligibilidade de gênero ou matriz cis-heteronormativa.

Há, aqui, um caminho de mão dupla: ao mesmo tempo em que o dispositivo da sexualidade teve seu desenvolvimento ancorado na família burguesa, ela só se constitui como modelo dominante graças a ele. Além disso, é nesta articulação que Foucault nota a fixação de certos fatos, como a família ter se “tornado, a partir do século XVIII, lugar obrigatório de *afetos*, de *sentimentos*, de *amor*” (Foucault, 2017, p. 118, grifos nossos), visão que podemos articular à discussão de Philippe Ariès (1986) acerca do surgimento de um *sentimento de família* na modernidade.

Conforme o historiador, a partir dos séculos XVI-XVII, começa a ocorrer uma transformação na organização familiar em relação ao período medieval europeu. Novos valores assentam um *sentimento de família* em torno de três eixos: afeto, intimidade e cuidado. No primeiro, temos a distribuição homogênea de relações afetivas entre pais e filhos(as); a família não apenas constitui-se como um local de *relações afetivas* – carinhosas e amorosas –, mas no entendimento de que esse *afeto* deve se distribuir igualmente entre os filhos(as). Isso, por sua vez, só é possível na medida em que a família se funda como um espaço de interioridade, *intimidade*, afastando-se do exterior, a sociedade. Por fim, o *cuidado* trata da proteção à criança, que passa a ser reconhecida civil e moralmente como sujeito que precisa de proteção; consequência da transformação nas concepções

de infância durante o mesmo período histórico. Isso não quer dizer que a configuração da família atual só passe a existir a partir da modernidade. O que está em debate é, antes, o processo de assentamento de um modelo específico de sociabilidade na formação desta instituição: conforme Salztrager (2018), uma família necessariamente afetuosa, centrada em suas crianças e configurada enquanto um lugar de intimidade e aconchego.

Nas sociedades ocidentais, são predominantes no senso comum concepções em que a família é tomada como espaço de refúgio da vida social e dos seus respectivos problemas; um local de carinho, amor, aceitação; em que o cuidado à criança é uma máxima moral. Ou seja, nota-se a estabilização de uma narrativa de status canônico (Bruner, 1997) sobre a família em nossa cultura, de modo que as sociabilidades nesse espaço passam a se orientar em relação aos já mencionados valores do afeto, intimidade e cuidado. Esta seria a família *normal*, moderna, burguesa, a qual também podemos nos referir como *família tradicional*. Esse é um termo que, como se sabe, foi apropriado por vertentes religiosas dos ideólogos anti-gênero (Butler, 2019b), com a finalidade de propagar retrocessos sociais, discriminação, preconceito à população LGBTQIA+ (Machado, 2017), e utilizado como pauta política na defesa de um golpe de estado (Sanque, 2020) – um alicerce ideológico na defesa de um modelo político neoconservador (Lacerda, 2019; Vaggione; Machado, 2020).

3 Metodologia e geração de dados: a situação (social da) entrevista

Nossa pesquisa, de base qualitativa e interpretativa (Denzin; Lincoln, 2006), se desenvolveu a partir da análise de dados gerados em situação de entrevista semiestruturada. Tomamos aqui a entrevista como um processo de co-construção que envolve tanto recortes próprios ao interesse de quem pesquisa, quanto a interpretação perspectivada dos resultados.

Para a discussão que propomos, selecionamos dados gerados com uma mulher cis e bissexual, Karla, e um homem cis e gay, Carlos. As entrevistas tiveram duração de aproximadamente uma hora, e foram realizadas por um dos autores deste artigo através de plataformas de videochamada. As conversas foram gravadas e posteriormente transcritas segundo o modelo de transcrição adaptado das convenções Jefferson disponíveis em Bastos e Biar (2015). Na perspectiva epistemológica que seguimos, a transcrição é considerada também uma etapa analítica e subjetiva, estando condicionada à percepção de quem pesquisa e a realiza.

Em sua entrevista, Karla narrou sua relação com sua família, abordando, especificamente, sua orientação sexual e tópicos relacionados, tais como religião; relacionamentos e dinâmicas familiares; invisibilização de sua bissexualidade, além de questões relativas à maternidade. Aqui, optamos por trazer dois momentos interconectados de sua história: a primeira e a segunda vez em que Karla saiu de casa.

Já a entrevista com Carlos abordou os seguintes tópicos: o percurso migratório de seus pais, ambos de origem nordestina; o seu período de conscientização acerca de sua identidade sexual, passando pela infância, juventude, vida adulta, até chegar a um ponto de virada (Mishler, 2002) nas relações familiares – um episódio em que uma conversa põe em questão sua relação com seus pais. A partir daí, surgiram outros tópicos relacionados às dificuldades de conciliar vida afetiva com a socialização familiar e as dinâmicas de socialização envolvendo seus relacionamentos afetivos e sexuais.

Apesar de trazerem vivências e pontos diferentes – Carlos foca muitas vezes nas dificuldades em se relacionar com a mãe, enquanto o tema da violência, da agressão e dos abusos do pai é recorrente nas histórias de Karla –, as narrativas que analisamos carregam algumas semelhanças entre si. Primeiro, elas estão situadas no aparecimento de tensões no âmbito familiar que sucedem à ruptura de pressupostos normativos sobre gênero, sexualidade e desejo. Não são, entretanto, narrativas canônicas sobre saída do armário, mas um conjunto de histórias sobre relações

familiares atravessadas por diferentes práticas de repressão. Em segundo lugar, ambas as narrativas são marcadas por uma grande quantidade de avaliações e contextualizações com alto teor avaliativo. Finalmente, essas sexualidades não normativas, que emergem como fator de tensão, conflito e crise nas relações familiares, acabam evidenciando, para além de regimes de aceitabilidade, a dispersão de discursos a atuar neste espaço com fins de controlar e reprimir corpos e performances.

4 Análise de Narrativa: percursos e (nossas) perspectivas

A origem do campo da Análise de Narrativa é atribuída ao trabalho de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972). Entendida como uma forma de retomar uma experiência passada, a qual pressupõe-se ser factual, a narrativa foi caracterizada por apresentar um ponto, um evento extraordinário que justifica sua reportabilidade, e uma estrutura prototípica: o resumo/sumário, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda. Respectivamente, o primeiro elemento abre a história dando indícios de seu conteúdo; o segundo traz informações de caráter contextual; o terceiro é a narrativa propriamente dita, a ação através da qual a experiência é organizada; a resolução consiste na finalização da ação complicadora; a coda, por fim, opera como um desfecho que conecta a história ao presente. A avaliação é um dos elementos mais complexos da narrativa: trata-se de um conjunto variado de estratégias utilizadas para reforçar a carga dramática da história, os sentimentos e as percepções da(a) narradora(or) em relação aos acontecimentos.

Inúmeros trabalhos partiram das análises e reflexões labovianas para revisar e melhor delinear os estudos narrativos, acrescentando a eles novas perspectivas teórico-metodológicas. Se o trabalho de Labov é marcado por uma visão representacionista e mais estruturante das narrativas, posteriormente, a noção de discurso construído passa a ser predominante (Bruner, 1997; Linde, 1993; Riessman, 1993; Mishler, 2002; Bastos, 2005) no campo. Em nosso

entendimento, essa nova perspectiva é marcada por três grandes inclusões: os trabalhos de Bruner (1997), Linde (1993) e Mishler (2002). Na primeira, passa-se ao entendimento de que narrativas são construções pelas quais adequamos o caráter excepcional de nossas ações aos cânones de uma cultura, uma vez que ela “torna o excepcional compreensível e mantém afastado o que é estranho, salvo quando o estranho é necessário como um tropo” (Bruner, 1997, p. 52). Deste modo, ela acaba tanto reiterando “as normas da sociedade” quanto provendo “a base para uma retórica do confronto” (Bruner, 1997, p. 52). Narrar passa a ser, então, adequar-se aos processos de significação em uma cultura. Como veremos na análise, esse é um dos pontos centrais que atravessam as performances narrativas de Karla e Carlos: a negociação entre excepcional e canônico. Linde (1993), por sua vez, pensa a relação entre sequencialidade, causalidade e sistemas de coerência a partir de grandes narrativas as quais nomeia “histórias de vida”. Para a autora, a sequencialidade, como uma propriedade narrativa, produz causalidade e conseqüentemente coerência a partir de demandas locais. Isto é, não basta apenas narrar quem somos, é preciso fazer isso de modo que nossos interagentes compreendam o *self* narrativo como coerente. Coerência aqui não é apenas o resultado de um texto, mas de demandas culturais e discursivas próprias a um sistema, daí a expressão “sistemas de coerência”, a base através da qual a coerência é construída (Linde, 1993). Mishler (2002), por fim, rompe com a concepção corriqueira de que a narrativa reproduziria uma ordem cronológica dos acontecimentos. Para o autor, o tempo narrativo não se confunde com o tempo cronológico, ou seja, os eventos são percebidos tal qual são sequencializados narrativamente e não o contrário, e, assim sendo, estão sujeitos à transformação e à estabilização: são negociáveis e disputáveis.

Uma terceira virada nos estudos na narrativa insere na discussão a cena em que a história é contada. Nesse movimento, a interação entre interlocutores e a co-construção narrativa passam a ser mais investigados. Amplia-se o escopo investigativo para um conjunto de dados antes negligenciados, os quais são aglutinados

sob o guarda-chuva *small stories* (Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2006; Bamberg; Georgakopoulou, 2008). As *small stories* abarcam histórias hipotéticas, alusões a acontecimentos, histórias não concluídas ou que prosseguem até o exato momento do narrar. Agora, as performances narrativas passam também a ser compreendidas como práticas situadas, ações de sujeitos que estão demarcando pertencimentos ou contrapondo-se à clausura de alguma categoria social. O evento narrativo, em contraposição ao evento narrado (Bauman, 1986), passa a ganhar mais destaque. O que se objetiva com isso não é estabelecer o valor analítico de um em detrimento do outro; trata-se de compreender as performances como marcadamente influenciadas pelo contexto em que emergem e não como produto exclusivo de uma subjetividade, acontecimento, memória ou de alguma categoria mais geral. As noções que debatemos anteriormente como estrutura, sequencialidade, causalidade, coerência, avaliação, temporalidade, passam a ser pensadas não apenas em termos de construção, mas também a partir das demandas expressivas do encontro.

Nosso trabalho está conectado aos ganhos dos diferentes momentos dos estudos narrativos. Como entendemos, isso nos permite adotar uma lente discursiva e interacional (Bastos; Biar, 2015) para analisar práticas sociais e discursivas a partir da organização da experiência dos atores sociais. Nesse sentido, tomamos a Análise de Narrativa como uma subárea de estudos do discurso conectada à Linguística Aplicada Contemporânea (Moita Lopes, 2006), pois entendemos que o campo mostra-se útil a esse projeto na medida em que abre espaço para interdisciplinaridade; ocupa-se da fala das pessoas em diversas situações de interação – entendendo-a como forma de construção da realidade –; refutam-se paradigmas essencialistas e estereótipos identitários a partir de uma concepção de identidade enquanto performance; e atenta-se à prática narrativa como forma de resistência e ressignificação (Bastos; Biar, 2015).

5 A situação social: a interação e sua análise

Analisar narrativas em relação a seu contexto de emergência é, em parte, entender que a órbita microecológica (Erickson, 2020) na qual elas são negociadas é passível de análise por si só. Para nós, tal concepção se fundamenta principalmente no trabalho microsociológico de Goffman (2002; 2013; 2002; 2020), para quem uma análise da comunicação não pode se fundamentar apenas no texto, mas na relação entre elementos simbólicos (materiais e humanos) em operação durante a troca conversacional. Para o autor, a situação social não envolve apenas um encontro conversacional, mas todo um ambiente com múltiplas possibilidades de monitoramento e de troca mútua de sentido entre interagentes. O simples fato de estarmos em presença de outras pessoas já configura uma situação social, e nosso *status* nesta não é estático; nossos alinhamentos (ou *footings*) (Goffman, 2002), durante determinada interação são sempre dinâmicos; assim como os modos de definição ou percepção da situação – seu enquadre (Goffman, 1974) –, podem ser modificados².

O dinamismo na interação social permite-nos identificar e analisar relações de poder na ordem interacional (Goffman, 2020), posto que a estrutura de participação não é dada, mas negociada e transformada, podendo haver interações mais horizontais ou verticais. É nesse sentido que, por exemplo, Erickson (2020), seguindo os desenvolvimentos de Goffman e outros autores, entende a preocupação da área que define como microanálise etnográfica – um dos desdobramentos da sociolinguística interacional e da etnografia da comunicação – como “a ecologia imediata e a micropolítica das relações sociais” (Erickson, 2020, p. 177). Para o autor, mais do que delinear uma área de estudos, o que está em questão aqui é se o “enquadramento político da situação social” (Erickson, 2020, p. 194) – as diferenças culturais entre os participantes em uma interação – deve ser considerada como uma questão de

² *Footing* e enquadre são conceitos dinâmicos e inter-relacionados pelos quais Goffman analisa a interação entre participantes, sua negociação e modificação contínua. Enquanto o enquadre diz respeito à percepção dos acontecimentos, à resposta à pergunta “O que está acontecendo aqui e agora?”, o *footing* é uma categoria que busca dar conta dessas mudanças a partir do nosso alinhamento em relação às pessoas com quem estamos interagindo.

fronteira ou limite, isto é, o quanto a dinâmica local é atravessada pela ordem social. Essa é uma ideia relevante para nós, posto que entendemos que o processo de negociação de narrativas envolve demandas culturais por coerência. A questão do *enquadramento político da situação* parece ter sido mais relevante para Erickson do que para Goffman, que privilegia uma análise da ordem interacional. Contudo, como Biar, Orton e Bastos (2021) argumentam, o trabalho do sociólogo parece tratar da independência analítica entre ordem social e interacional e não da separação dessas esferas, as quais estão contidas uma na outra. Para as autoras, a ordem interacional é uma unidade analítica substantiva por ela mesma, mas não autônoma ou anterior às estruturas analisáveis em uma ordem macrossocial. Existem diferenças estruturais que, sem dúvida, distribuem expectativas para a ordem microinteracional, mas os arranjos em que essas diferenças se manifestam podem ser diversos; não são determinações que não possam ser afrouxadas ou subvertidas no domínio do face a face (Biar; Orton; Bastos, 2021).

Percebemos que, em nossas práticas cotidianas, em nossas conversas, em nossas performances narrativas, constituímos localmente a realidade social ao mesmo tempo em que não deixamos de (re)produzi-la, o que se dá através de práticas semióticas diversas. Isso nos possibilita adentrar a discussão do trabalho de Goffman em relação às demandas sociais – normativas – que atravessam a interação, as quais podem ter impacto sobre o processo de negociação narrativa.

Além das categorias mencionadas acima, mobilizaremos em nossa análise os conceitos de estigma (Goffman, 2008) e trabalho de face (Goffman, 1980). O primeiro, não seria propriamente uma marca, mas uma marcação depreciativa que emerge de nossas interações. Trata-se de uma diferenciação que se origina da discrepância entre expectativas normativas na interação e sua realização – isto é, as possibilidades locais de reconhecimento, os alinhamentos mútuos, de negociação identitária entre os indivíduos (Goffman, 2008) – que acaba resultando na construção das posições de normalizado(a) e estigmatizado(a). Já a noção de face

“pode ser definida como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada na interação” (Goffman, 1980, p. 76-77). Esta performance identitária não se refere a um dado social ou subjetivo, nossa *face* não é quem somos ou quem alegamos ser, mas o conjunto de atividades a que recorremos para *proteger* o sentido de nossas ações de interpretações e respostas que podem nos constranger – colocar nossa *face em risco*, *ameaçar nossa face*. Ao mesmo tempo, evitamos fazer o mesmo com o outro, ou seja, estar *fora de face*. É nesse sentido que Biar (2015) entende que trabalho de face “determina um sentido social de confiança e segurança” (Biar, 2015, p. 132), e que os padrões de sustentação variam então de acordo com o padrão positivo reivindicado.

Durante as entrevistas, o entrevistador se identificava também como membro da comunidade LGBTQIA+. Mesmo estando diante de um encontro entre “iguais” (Goffman, 2008), não podemos dizer que isso significou um compartilhamento dos mesmos “atributos sociais”, ou que há um entendimento de que as experiências compartilhadas eram semelhantes entre si, ou mesmo que essas seriam interações mais horizontais. Conversando com nossas(os) colaboradoras(es), foi ficando clara a diferença em que nos encontrávamos em relação a práticas de controle e repressão sofridos em nossas vivências familiares. Estas situações produzem certos efeitos interacionais, posições de *normalizados* e *estigmatizados*, que levam a um manejo interacional da informação entre participantes com vistas a neutralizar possíveis atribuições estigmatizantes. Trabalhos como os de Cristóvão (2016), que é um homem gay, sobre a negociação de sua homossexualidade com entrevistados que também se identificavam como homens gays reforçam esse ponto. Assim, mesmo havendo pertencimento a uma categoria social ou a uma comunidade, não há garantias de que ele será reproduzido na ecologia das microrrelações; conseqüentemente, isso reforça nosso entendimento

de que, mesmo dialogando com outras experiências, as vivências aqui apresentadas não são generalizáveis, e a composição micro-macro não é pré-estabelecida, mas deve ser pensada em relação à sua situacionalidade.

6 Análise da narrativa de Karla

Na pequena narrativa de Karla, reproduzida abaixo, percebemos como se opera um trabalho de face com vistas à preservação de possíveis atribuições estigmatizantes. Conquanto isso possa ser analisado em um nível interacional, não deixemos de ter em vista que macro e micro estão entrelaçados em sua história. Há demandas por coerência atuando no evento narrativo, especificamente por adequação ao discurso canônico da família na modernidade, porém, a narrativa, em seu caráter extraordinário, justamente emerge da não adequação a este discurso. Como efeito, na interação, percebemos a dificuldade (ou trabalho) de Karla em balancear isso.

Apesar de curta, a narrativa de Karla está relativamente adequada ao modelo canônico: sequencializada em resumo (“rolou”, l.0003); duas orações narrativas, que dão conta de todo acontecimento (“ao mesmo tempo que expulsou” e “eu falei ‘então tô indo’”, l.0003-0005); resolução, fechando todo o ocorrido (“nessa do ‘então tô indo’, já recuaram, voltaram atrás”, l.0005-0006) e uma coda, que encerra a história de modo concreto (“mas aí eu fui”, l.0008).

Imagem 1 - Narrativa Karla 1

0001 Autor eles chegaram a te expulsar de casa? rolou
0002 alguma coisa assim ↴ não?
0003 Karla ro::lou...só que ao mesmo tempo que expulsou:
0004 na primeira vez eu já falei “então tô
0005 indo”...e aí nessa do, “então tô indo”, logo
0006 já- já recuaram, voltaram atrás.
0007 Autor Sim
0008 Karla mas aí eu fui ((risos))
0009 Autor mas você foi, você ficou morando sozinha um
0010 tempo?

Fonte: elaborado pelos autores.

A pergunta inicial (I.0001-I.0002) opera como um resumo e estabelece um *footing* entre o pesquisador e a narradora, enquadrando ambos em relação a um acontecimento passado: a expulsão/saída de casa. Este *footing* funciona como uma demanda por narrativa, estabelecendo quem será o ouvinte e quem será o animador da história. Não obstante, a pergunta, tal qual formulada, pode pôr em risco a face de Karla, isto porque ela operaria como um índice de estigmatização, se entendermos que ser expulso de casa pelos pais é algo que estabelece uma diferenciação entre aqueles que foram expulsos – estigmatizados – e os que não foram – normatizados. Tal risco está, como entendemos, amparado em duas possibilidades: o entendimento entre interagentes de que ser expulso é algo depreciativo, ou a ideia de que em uma sociedade ser expulso da família representaria algo ruim.

No decorrer do evento narrativo, a possível ameaça à imagem de Karla é neutralizada na aceitação desse sentido como algo compreensível: Karla reforça o *footing* com sua afirmação de que “rolou” e, a partir dele, adentra brevemente o evento narrado, performando uma identidade agentiva: “eu falei: ‘então tô indo’”. O uso de diálogo construído (Tannen, 2007) reforça localmente a agência na medida em que opera avaliativamente em relação ao acontecido, isto é, reforça a resolução da narradora em relação à sua atitude.

Karla sustenta sua face na resolução da história, momento em que ela estabelece outro *footing* em relação à sua família: se eles a expulsam, ela sai; se ela sai, eles “recuam”, “voltam atrás”. O *acatamento* à ordem imposta é respondido com um recuo. Assim, em relação às ações da narradora, as de sua família são indecisas e contraditórias. Disso emerge uma contraposição entre dois alinhamentos: um obediente, mas subversivo, pois ao ponto que acata, recusa; outro impositivo, porém hesitante, pois ao ponto em que sua ordem é acatada, a revoga. Sua risada (I.0008) avalia e enquadra a história como descontraída. Assim, se há riscos de atribuição estigmatizante a Karla, ela os subverte, fazendo sua narrativa ope-

rar como um “desidentificador” (Goffman, 2008), isto é, ela lança dúvidas sobre o que se entende como valorativo em determinada situação e o subverte. Uma nova pergunta (I.0009-0010) estabelece um novo *footing* que abre caminho para o aparecimento de outras narrativas, não mais relacionadas ao evento narrado, ainda que à sua sombra.

Como percebemos, essa pequena narrativa não foca tanto no acontecimento em si, afinal, se perguntássemos por que Karla saiu de casa, não obteríamos resposta. Certamente, poderíamos presumir, pelo teor da pesquisa, que a sexualidade esteja sendo mobilizada como fator de ruptura da relação entre a narradora e seus familiares. Todavia, não há materialidade discursiva que indexe isso. Neste sentido, parece que a demanda local por uma narrativa é respondida com uma narrativa suficiente, que dá conta de todo acontecimento, e que o estigma da expulsão é mitigado quando há uma aceitação dos limites da história narrada.

A própria ideia de expulsão funciona como um índice de pertencimento ou não a um local. O que está em questão aqui é, então, a atuação de uma norma cultural, uma regra: quem pode pertencer (ou pertenceu) ao espaço familiar. A pergunta feita, assim, demanda saber o status de Karla em relação à norma. A narrativa, como fato extraordinário, emerge em resposta à demanda interacional, mas também se ampara na ideia de pertencimento familiar. Como nos fala Bruner (1997, p. 50), “a função de uma história é encontrar um estado intencional que atenua ou pelo menos torne compreensível um afastamento de um padrão cultural canônico”. Nesse sentido, a pergunta é uma ameaça à face, pois pode justamente pôr em questão o pertencimento de Karla a um ideal de família que sustenta relações com base na intimidade, no cuidado e no afeto. Em outras palavras, a pergunta põe em questão o status de Karla em relação ao discurso dominante sobre a família. Como consequência, a performance narrativa emerge como forma de justificar e mitigar essa quebra de coerência. Karla protege a sua face em meio a silêncios narrativos (Blix *et al.*, 2021), trazendo informações sobre a “expulsão” sem necessariamente adentrá-la,

construindo uma identidade agentiva. É nesse sentido que estamos entendendo que essa narrativa surge em meio à dificuldade de responder a demandas não apenas locais, mas globais.

Abaixo, a sexualidade de Karla é construída como um fator de ruptura da sociabilidade familiar, mais especificamente, entre ela e seu pai.

Imagem 2 - Narrativa Karla 2 - Excerto 1

0031 Karla e aí::...<um belo dia, meu pai sempre foi
0032 muito estourado, um belo dia, de novo, ele se
0033 estourou muito>.. e:: †ALÉM de TUDO †além da
0034 questão da sexualidade eu tava hh namorando
0035 outra menina na época.
0036 Autor Uhm
0037 Karla <ela era negra>...deu um pouquinho, agravou
0038 um pouquinho mais..a situação..
0039 Autor °imagino°
0040 Karla o que me deixou MAIS <PUTA> da vida ainda hh

Fonte: elaborado pelos autores.

Karla estabelece um *footing* novamente em relação a um acontecimento passado, “o estouro do pai”, resumo da história que seguirá (l.0031-33). Este também é um movimento de sustentação de sua face. A escolha lexical de “estourado”, ao invés de “violento” ou “agressivo”, ameniza a construção do lar como um espaço sujeito à violência do pai. Porém, a entrevistada faz um desvio, uma orientação avaliativa, indexada pela expressividade inicial (“ALÉM de TUDO”, l.0033), que a orienta para outro momento do seu passado, no qual a questão da sua sexualidade e do seu relacionamento com outra menina negra, cuja racialidade é indexada por uma orientação sobre uma característica fenotípica (l.0037), são agravantes da situação entre ela e seu pai. Em seguida, outro *footing* avalia (l.0040) sem adentrar novamente o evento.

Aqui, podemos perceber a relação interseccional entre gênero, raça e sexualidade: a matriz de inteligibilidade cis-heteronormativa opera conjuntamente a ideais de branquitude. A constru-

ção da narradora indexa não apenas o sexo/gênero com que ela deveria se relacionar, mas também a raça da pessoa. Nesse sentido, podemos entender, como Sullivan (2003, p. 72), que “a sexualidade é desde sempre racializada, tal qual a raça é desde sempre sexualizada”. Isso não é dizer que essas categorias e experiências se entrecruzam e produzem experiências paralelas, como Butler (2019a) já criticava, mas que as dinâmicas de poder interseccionadas nessas experiências têm efeitos singulares nas subjetividades dessas pessoas.

Imagem 3 - Narrativa Karla 2 - Excerto 2

0052 Karla foi <qua:ndo> ele me agrediu, me deu um:: um:
0053 baita de um tapão na cara assim °de um forma°,
0054 ele explodiu por causa de uma coisa.. <mínima>
0055 e aí começou a jogar um monte de coisa na
0056 minha cara, sobre a minha.. sexualidade. hh e
0057 aí foi quando eu saí de novo de casa e aí:
0058 não voltei.. e daí pra lá eu não voltei.

Fonte: elaborado pelos autores.

A violência paterna, antes mitigada, concretiza-se na ação complicadora de modo menos ameno (l.0052-0053), pois logo em sequência Karla reforça, através de avaliações, as atitudes violentas do pai: “ele explodiu por causa de uma coisa mínima” (l.0054). Ao mesmo tempo, ela se constrói no evento narrado como não sendo condescendente com as atitudes de seu pai/família. Essa construção tem efeitos na interação, pois delinea uma interpretação das suas ações em relação às de seu pai/família. A sequencialidade opera como uma forma de sustentação da face da narradora na interação, isto é, a forma como ela constrói a si e a seus familiares acaba delimitando as possibilidades de compreendermos quem ela é, quem é sua família e como se dá a relação entre eles a partir de seus parâmetros: ao passo que ela sofre, ele(s) é(são) o(s) causador(es) de seu sofrimento; ao passo que as ações dele(s) têm um fundamento normativo, a sua integridade encontra-se em constante ameaça; mas ao passo que ele(s) age(m), ela responde

de modo a se preservar, a resistir. Neste sentido, a construção da resistência da narradora, sua saída de casa (I.0058-0059), pode ser compreendida como um trabalho de face cujos efeitos responderam negativamente às expectativas sobre socialização familiar, amenizando possíveis atribuições estigmatizantes. Se o quadro familiar torna impossível a socialização por meio de afeto e cuidado, então as ações possíveis são as que preservam a integridade de Karla. Ainda que estas possam ser compreendidas como índices para a construção de uma identidade estigmatizada, elas também operam como uma forma de neutralização. Em outras palavras, seu trabalho de face se dá de modo a contrapor a ideia de aceitação; sua performance parece articular uma agência a partir da construção narrativa entre personagens *repressores* e personagens que deveriam ser reprimidos, os quais, ao invés disso, definem os termos de sua ação.

7 Análise da narrativa de Carlos

Em um *footing* inicial, Carlos estabelece a impossibilidade de conversar sobre relacionamentos com sua família (I.0061-0062). Por sua vez, o entrevistador alinha esse comportamento à falta de interesse deles (I.0063), ao que ele nega (I.0064). A fim de exemplificar o que quer dizer, o entrevistado prossegue com um prefácio (Goodwin, 1984), que anuncia um turno narrativo maior: “porque uma vez... e isso acabou rolando assim.” (I.0064-0065). A narrativa então se dá em meio a sequências de desvios – orientações, avaliações, e mesmo *small stories* –, sendo sobreposta por um resumo pré-avaliativo (I.0065-0068): a mãe seria superprotetora, enquanto ele seria um *adulto* para quem esse tipo de *proteção* não seria necessário. Carlos se apresenta como alguém que já teria experiência em outros espaços, além do familiar. Abaixo vemos como o evento narrado alcança o evento narrativo, como as ações da mãe são reavaliadas (I.0075-0076) e ela é alinhada como alguém que hoje aprendeu a lidar com essa situação.

Imagem 4 – Narrativa Carlos 1 – Excerto 1

0061 Carlos =sobre o:s meus relacionamentos, ↓ a gente
0062 nunca teve esse tipo de conversa
0063 Autor ELES NÃO SE INTERESSam por:?
0064 Carlos NÃO. <eles não perguntam mesmo> porque
0065 uma ↑ve:z...(e) isso acabou rolando
0066 assim, porque a minha ↑mã:e.. ela.. °não
0067 gosta muito de que eu faça coisas fora de
0068 casa°, apeSAR de eu ter: vinte e oito anos
0069 sabe? ((áudio oscilando))
0070 Autor Hum
0071 Carlos e de ter morado fora e de tá morando fora.
0072 Autor [(sim) (pois é)] ((rindo))

Fonte: elaborado pelos autores.

Os *footings* que Carlos vai estabelecendo em relação à mãe são na realidade *accounts* (De Fina, 2009), justificativas não apenas para suas ações em relação ao que está sendo narrado no momento, como também ao que será narrado em seguida. Há aqui um enquadre que visa a sustentar uma face positiva para a mãe do narrador, face essa que está em vias de ameaça graças à performance de Carlos. Notamos também como a temporalidade narrativa não se dá simplesmente em meio a uma linearidade, produto da própria factualidade dos acontecimentos; estamos diante de um tempo narrativo que se constrói através de sequências que entrecruzam diferentes juntas temporais na conexão entre evento narrado e evento narrativo.

Imagem 5 – Narrativa Carlos 1 – Excerto 2

0073 Carlos [então eu VOU visitar] ela (sei lá) no
0074 no- em de↑zembro.. ANOS morando fora, e
0075 aí:: eu () sei lá tô saindo ho:je,
0076 ↑hoje ela.. CAGA mais. ((rindo))
0077 Autor hum ((rindo))

Fonte: elaborado pelos autores.

É interessante perceber também como o enquadre entrevista vai se abrindo para uma situação de maior informalidade (l.0075-

0076) à medida em que a situação é alinhada por entrevistador e entrevistado como cômica (I.0072; I.0077; I.0109). Os dois interagentes estão operando um mesmo enquadre e reforçando as identidades reivindicadas, construindo assim um evento mais horizontal. Esse enquadre vai sendo reforçado à medida que o narrador vai performando uma identidade agentiva em relação à mãe. Todo o processo de contextualização e avaliação que atravessa a história – inclusive na ação complicadora (I.0089-I.0108) – opera justamente reforçando um alinhamento que reconhece a agência de Carlos frente às atitudes controladoras da mãe. Ele também busca se construir como um filho compreensivo para com essas ações; faz isso através de diversos recursos, como diálogo construído (I.0099-0104; I.0106-0108) e modulações na voz. As falas que *remetteriam* à sua mãe são marcadas por um aumento no volume e são mais agudas. Outros elementos sinalizam avaliações para a forma como essa história deve ser interpretada, isto é, seu ponto: Carlos não cede ao controle materno nem à impossibilidade de falar sobre relacionamentos. Ao contrário, tanto quanto possível, ele resiste. O status de participação de ouvinte do entrevistador sustenta a narração e a face que Carlos está reivindicando para si.

Imagem 6 – Narrativa Carlos 1 – Excerto 3

0089 Carlos mas AÍ:: come- quando eu comecei a namorar
0090 o ↑Jonas.. todo final de semana eu saia..
0091 e passava dias fora.
0092 Autor Hm
0093 Carlos então eu saia assim.. sexta e voltava no
0094 domingo >sempre era isso< <saia na sexta>
0095 e voltava no domingo. e aí quando ↑o: seu
0096 filho tá fazendo isso, com uma certa
0097 regulari↑dade, e eu não fazia questão de
0098 ↓esconder o que eu estava fazendo.. eh:...
0099 el- aí ela começou as perguntas né ↑"o por
0100 que cê sai tanto? o que CÊ vai fazer no
0101 domingo? o que qu- por que que cê
0102 desaparece?" aí eu falava "ah vou pra casa
0103 do Jonas. vou pra casa do Jonas. vou pra
0104 casa do Jonas." e aí ela começou a diminuir
0105 o número de perguntas até o dia que ela
0106 ficou.. mais puta assim.. e falou ↑"VOCÊ
0107 vai pra casa do ↑Jonas? então você pega
0108 homem e pega ↑mulher?" ((risos))
0109 Autor ((risada))

Fonte: elaborado pelos autores.

Todavia, essa linha interpretativa se torna menos fácil de sustentar quando uma sequência final reenquadra a história. Essa sequência de desvio do eixo principal da narrativa poderia ser pensada como algo à parte, não relacionada ao evento narrado. Porém, trata-se de uma coda que retoma o evento narrativo com vistas a avaliar as ações do narrador, da mãe e mesmo de outros familiares em relação ao que aconteceu. Há um realinhamento que muda o enquadre da história. A situação passa a ser compreendida como “guerra fria” (l.0134): a não participação materna (e mesmo familiar) em relação à vida afetiva do narrador é motivo de insatisfação (l.146-141).

Imagem 7 – Narrativa Carlos 1 – Excerto 4

0132 Carlos e aí (foi iss-) foi ficando assim:.. eh:
0133 nessa rotina, com o Jonas.. () nessa
0134 guerra fria, °nessa guerra fria, (mas)
0135 sem perguntar ↓na:da, sem fazer ↓na:da°,
0136 até o momento em que: minha irmã
0137 conseguiu eh.. ter um namo↑rado ela casou
0138 com o namo↑rado.. e aí eu vô- eu vô
0139 ficando bolado porque as coisas que
0140 (eles) vão fazendo em família >(a gente)
0145 tem um grupo em família que ele ↑tá<.. e
0146 eu ↑gosto dele eu não faço assim.. a
0147 parada é que.. <conti↑nua aquela história
0148 de que.. as coisas que são ne↑gadas.. pra
0149 mim, são ↓em relação a ele °e aí eu não
0150 consigo fazer as coisas em família° com
0151 RELAÇÃO a ele, sabe? ((áudio oscilando))
0152 Autor ↑ENTENDO entendo ↓entendo

Fonte: elaborado pelos autores.

A face do narrador está em risco à medida que esses novos alinhamentos põem em questão o enquadre anterior, de maior informalidade e descontração. Há também um risco de estigmatização, uma vez que no evento narrado é construído um status de diferenciação entre o narrador e sua irmã (l.0136-0147): a diferenciação en-

tre uma relação homoafetiva e heteroafetiva. Como ouvintes desse novo quadro, nossa posição passa a ser demonstrar entendimento sobre essa história, o que se dá através de repetições que visam a não atribuir estigmas a Carlos quando sua agência é minada em relação ao novo enquadre que toma a família como um local de impossibilidade de vivenciar experiências afetivas.

Assim, o trabalho interacional de Carlos e Karla se dá em meio às dificuldades de responder a demandas locais para performar experiências familiares *extraordinárias* ao mesmo tempo em que se preservam as faces dos familiares. Localmente, os efeitos são mais imediatos: há um risco de produção de um status diferencial na interação que não decorre apenas dela, mas também dos discursos canônicos sobre sociabilidade familiar, seus atravessamentos e sua constituição na situação em questão. Nesse sentido, os narradores não respondem apenas a demandas próprias à ordem interacional, mas à relação entre essa e a esfera macrossocial. Vemos com isso como a realidade social está em constituição, não por relações estáveis ou de composição ascendente – no sentido de que o micro compõe o macro –, mas em um processo dinâmico que envolve negociação de sentidos entre interagentes, entre discursos e categorias sociais mais amplas.

8 Considerações finais

Começamos este artigo ponderando que nem sempre nossas histórias encontram vias simples de textualização. De fato, tais questões podem suscitar um debate sobre a circulação discursiva de nossas experiências: quem pode falar? Em quais situações? Para quem? Ainda que não seja o ponto central deste artigo, se formos seguir um projeto epistemológico que questione os efeitos da modernidade no mundo contemporâneo, como propõe a Linguística Aplicada, não poderemos deixar de ter em nosso horizonte os riscos de construção da posição de uma subalternidade silenciada. Se de fato estamos nos atentando para os sujeitos e para o reconhecimento da sua atuação na esfera social, precisamos

então considerar seus modos de ação, ou mais especificamente seus modos de narrar, de modo que as perguntas anteriormente apontadas não pressuponham a impossibilidade da fala, mas nos direcionem à investigação situada das formas discursivas do poder – racial, patriarcal, cis-heteronormativas – e suas técnicas regulatórias. Isso se justifica pelo próprio contrapoder incitado pela fala. Como hooks (2019), entendemos que a fala

não é somente uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem – e como tal, representa uma ameaça (hooks, 2019, p. 36).

As narrativas de Karla, Carlos e tantos outros emergem, assim, como atos de coragem que desafiam expectativas sobre cuidado, afeto e carinho como valores que constituem a sociabilidade familiar moderna, e mostram seus limites quando sexualidades não normativas adentram o espaço *doméstico*, remodelando sua dinâmica de socialização. Estas performances, entretanto, não seguem um curso fácil. Karla e Carlos são levados constantemente a negociar na interação os riscos de construir uma narrativa em que esses valores lhes foram negados. Mesmo quando a interação se dá de modo a preservar as suas faces das atribuições estigmatizantes, o risco, como argumentamos, deve-se também à dimensão que o discurso sobre a família assume em relação à nossa cultura.

Buscamos aqui, através da produção de inteligibilidade sobre vivências que possam pôr em questão os sentidos de *família tradicional*, balançar esse alicerce através de uma desconstrução e dessencialização desta noção, chamando atenção para seu caráter histórico e contingente, e, conjuntamente, mostrando as contradições que a perpassam, bem como seus efeitos. Ademais, se a narrativa surge como tentativa de adequação a um cânone cultural, como o discurso da família, e neste caso não entendemos que o extraordinário, ou estranho, opera necessariamente como tropo, este processo não necessariamente terá sucesso; há a possibili-

dade aberta para um fracasso (Butler, 2019a) que ressignifique as próprias práticas que constituem o que é e o que não é extraordinário. Para além disso, não podemos perder de vista um questionamento sobre os limites da definição de cultura. Ela esgota os sentidos possíveis de família e sociabilidade familiar?

Não podemos terminar este artigo sem uma ressalva. O pequeno percurso teórico sobre a constituição do discurso da família na modernidade tem uma base eurocêntrica, que pouco desenvolve o papel do capitalismo no período analisado, assim como da colonização e seus efeitos: a colonialidade. No que tange ao primeiro ponto, Federici (2017), por exemplo, nota que o desenvolvimento capitalista só foi possível porque a mulher foi cada vez mais sendo afastada da esfera pública e relegada a um trabalho não remunerado e à sujeição dos homens, formando aquilo que a autora chama de patriarcado do salário. Nesse sentido, uma história ou genealogia das relações familiares e sua relação com a ascensão do *sentimento de família* e do biopoder precisa levar em consideração as dinâmicas de gênero envolvidas.

Por outro lado, como um ideal moderno, a família tradicional é um discurso que atua apagando os efeitos disruptivos da colonização nas populações negras e indígenas. Práticas coloniais como o estupro de mulheres negras e indígenas e o tráfico de escravizados levaram ao rompimento de laços de sangue e à formação de outras redes familiares durante o período colonial. Além disso, as experiências de gênero e sexualidade na América Latina diferem das experiências brancas europeias e estadunidenses, como observa Lugones (2020). Essa autora, ao entender o gênero como um sistema moderno/colonial, nos ajuda a refletir sobre como as dinâmicas coloniais reconfiguram experiências sob o impacto da(s) colonialidade(s). Seria preciso, então, adentrar a própria narrativa das sociabilidades familiares em relação às famílias negras e indígenas para que assim possamos compreender mais adequadamente os limites do *discurso da família*. Essas são limitações do presente trabalho e ao mesmo tempo um caminho futuro que nos

propiciará entender que o caráter canônico do *discurso da família* não esgota os sentidos de família.

Referências

ARIÈS, Philippe. A família. In: ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, [1960] 1986. p. 195-274.

BAMBERG, Michael. Positioning between structure and performance. *Journal of Narrative and Life History*, [s. l.], v. 7, p. 335-442, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/jnlh.7.42pos>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BAMBERG, Michael. Stories: Big or small: Why do we care? *Narrative – State of the Art*, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 139-147, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/ni.16.1.18bam>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BAMBERG, Michael; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *TEXT & TALK*, [s. l.], v. 28, n. 3, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/TEXT.2008.018>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BASTOS, Liliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópio*, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 74-87, maio-ago. 2005.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA*, [s. l.], v. 31, n. esp, p. 97-126, ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BAUMAN, Richard. "I go into more detail now, to be sure": Narrative variation and the shifting contexts of traditional storytelling. In: BAUMAN, Richard. *Story, performance and event: Contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BIAR, Liana de Andrade. Trabalho de face e estigma no encontro interacional misto: um estudo de polidez aplicado ao contexto prisional. *Linguística*, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 127-145, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5761371>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BIAR, Liana de Andrade; ORTON, Naomi; BASTOS, Liliana Cabral. A pesquisa brasileira em análise de narrativa em tempos de “pós-verdade”. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 21, n. 2, p. 231-251, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-210205-2920>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BLIX, Bodil H.; CAINE, Vera; CLANDININ, D. Jean; BERENDONK, Charlotte. Considering silences in narrative inquiry: an intergenerational story of a Sami Family. *Journal of Contemporary Ethnography*, [s.l.], v. 50, n. 4, p. 580-594, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/08912416211003145>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BRUNER, Jerome. A psicologia popular como um instrumento da cultura. In: BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, [1990] 1997. p. 139-64.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2016.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1; Crocodilo, [1993] 2019a.

BUTLER, Judith. A ideologia anti-gênero e a crítica da era secular de Saba Mahmood. *Debates Do NER*, [s. l.], v. 2, n. 36, p. 219-235, 2019b. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.99586>. Acesso em: 23 abr. 2024.

CRISTÓVÃO, Leandro S. G. *Negociações com o armário: homossexualidades e estigma em narrativas de história de vida*. 2016. 256 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio

de Janeiro, 2016. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27368/27368_1.PDF. Acesso em: 23 abr. 2024.

DE FINA, Anna. Narratives in interview - the case of accounts: for an interactional approach to narrative genres. *Narrative Inquiry*, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 233-258, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/ni.19.2.03def>. Acesso em: 23 abr. 2024.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. S. (org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006.

ERICKSON, Frederick. Microanálise etnográfica. In: FABRÍCIO, Branca Falabella (ed.). *Sociolinguística interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mórula, [1996] 2020. p. 177-210.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, [2004] 2017.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, [1969] 1986.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: vontade de saber*. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, [1976] 2017.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. *Narrative – State of the Art*, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 122-130, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/ni.16.1.16geo>. Acesso em: 23 abr. 2024.

GOFFMAN, Erving. A Elaboração da Face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, Servulo. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1955] 1980. p. 76- 114.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: Ribeiro, Branca. T.; Garcez, Pedro. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, [1964] 2002. p. 13-20.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, [1963] 2008.

GOFFMAN, Erving. Exclamações reativas. *In: Coelho, Maria C. (ed.). Estudos da interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Eduerj, [1978] 2013. p. 109-167.

GOFFMAN, Erving. Footing. *In: Ribeiro, Branca T.; Garcez, Pedro. Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, [1979] 2002. p. 107-148.

GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northcastern University Press, 1974.

GOFFMAN, Erving. A ordem interacional. *In: Fabrício, Branca F. (ed.). Sociolinguística interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mórula, [1983] 2020. p. 105-147.

GOODWIN, Charles. Notes on story structure and the organization of participation. *In: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John (org.). Structures of social action: studies in conversation analysis.* Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 225-246.

HOOKS, bell. *Erguer a voz*. São Paulo: Editora Elefante, [1989] 2019.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. *In: LABOV, William. Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 354-396.

LABOV, William.; WALETZKY, Joshua. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. *In: HELM, June. Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LACERDA, Marina. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LINDE, Charlotte. *Life stories: the creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.

LUGONES, Maria. Colonialidade e Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa B. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 54-84.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional. *Horizontes Antropológicos*, [s. l.], v. 23, n. 47, p. 351-380, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100012>. Acesso em: 23 abr. 2024.

MISHLER, Elliot. "Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo". In: MOITA LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Liliana Cabral (org.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 97-119.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RIESSMAN, Catherine. *Narrative Analysis*. Newbury Park: SAGE, 1993.

RIESSMAN, Catherine. Looking Back, Looking Forward. In: RIESSMAN, Catherine K. *Narrative Methods for the Human Sciences*. Los Angeles: SAGE, 2008. p. 1-19.

SANQUE, Douglas Roberto Knupp. "*Pela família*": múltiplas indexicalidades do signo família na comunicação do impeachment de Dilma Rousseff. 2020. 289 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://poslaplicada.letras.ufrj.br/pt/teses-de-2020-ate-2017/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SALZTRAGER, Ricardo. A desconstrução do conceito de família moderna: uma interlocução entre Ariès e Foucault. *Perspectivas em Diálogo*, [s. l.], v. 5, n. 10, p. 164-206, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/6376>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SULLIVAN, Nikki. *A Critical Introduction to Queer Theory*. Nova York: New York University Press, 2003.

TANNEN, Deborah. *Talking voices: repetition, dialogue and imaginary in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, [1989] 2007.

VAGGIONE, Juan; MACHADO, Maria D. C. Religious Patterns of Neoconservatism in Latin America. *Politics & Gender*, [s. l.], v. 16, n. 1, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.1017/S1743923X20000082>. Acesso em: 23 abr. 2024.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.